

MIGRAÇÃO E IDENTIDADE NA REGIÃO SUDOESTE DE CAMARÕES: O FATOR *GRAFFIE*, c.1930s – 1996

Walter Gam Nkwi¹

Introdução

Questões pertinentes à migração constituem parte dos tópicos mais relevantes para a África hoje (IOM 2004). Apesar de a maior parte da literatura tender a examinar as migrações sob uma perspectiva Sul-Norte, migrações significativas vêm ocorrendo dentro da própria África (Bakewell & De Haas 2007). Suas ramificações são vistas em aspectos sociais, culturais e políticos. O domínio colonial afetou consideravelmente as migrações de pessoas em razão da criação de minas e *plantations* e da existência de serviços auxiliares, como motoristas, jardineiros, criados e mensageiros (Cordell & Piche 1996). O efeito de longo prazo de tais movimentos foi a politização das identidades. O recente surgimento de *ivoiritas*, denotando os “verdadeiros marfinenses” em oposição aos “outros”, em 1995, e de *makwerekwere*, na África do Sul, termo cunhado para descrever os imigrantes que se estabeleceram no país, chama a atenção para questões perenes de migração e politização de identidade que surgiram com os regimes coloniais e pós-coloniais (Whitman 2000). No Estado africano central/ocidental de Camarões, os conceitos de alógenos e autóctones foram evocados para incluir ou excluir alguns de seus cidadãos (*Nouvelle Expression* 1996; Awasum, 1998; Nyamnjuh e Geschiere 1998). Este artigo é uma contribuição para os debates correntes, sendo direcionado à migração e politização da identidade. Sua contribuição específica está no fato de demonstrar as camadas em que os fluxos migratórios contribuíram para a problematização da identidade. Na maioria dos Estados africanos, a população imigrante estabelecida é meramente mencionada e o fluxo líquido destes migrantes para áreas de contestação identitária não tem recebido a atenção adequada. O cerne deste artigo, portanto, é o argumento

¹ Departamento de História, Universidade de Buea, Buea, Camarões. E-mail: nkwiwally@yahoo.com

de que a história colonial de cada um dos Estados africanos que precipitaram novos padrões de migração pode contribuir para uma melhor compreensão da recente politização da identidade. Parece ser o legado das instituições coloniais e pós-independência, acompanhadas das ações das elites, que torna a identidade uma ferramenta política viável, mas a isso subjaz um rico histórico migratório, até o momento não explorado por acadêmicos e pesquisadores de Camarões. Se pretendemos compreender migrações e identidade globalmente, devemos primeiro examinar fluxos migratórios proeminentes ao longo do tempo e espaço.

Este artigo foca na migração dos nativos das Planícies Bamenda para a região litorânea de Camarões e em como eles, através do tempo e espaço, mantiveram sua identidade em um ambiente socialmente heterogêneo. Argumenta que o conceito de *graffie*, apesar de popularizado principalmente durante os anos 90, tem uma origem remontando aos anos 30. *Graffie* é uma palavra crioulezada que se refere aos nativos das Planícies Bamenda. Tem uma significação depreciativa. É depreciativa no sentido de que se refere às pessoas das Planícies Bamenda como retrógradas em relação à população costeira mais civilizada. Ela é também oriunda do desprezo, por possuírem os migrantes uma característica mais empreendedora do que os povos litorâneos. Geograficamente, a região conhecida como Planícies Bamenda compreende extensões de savana intercaladas por florestas nos vales. Os alemães nomearam a região “Planícies”, diferenciando-a da região das florestas. Apesar da atenção acadêmica dispensada por pesquisadores contemporâneos camaroneses ao fenômeno das populações imigrantes, este não foi bem historicizado (Awasum 1998; Konings e Nyamnjoh 1997 e 2003; Nyamnjoh e Geschiere 1998). Este ensaio é uma tentativa de demonstrar que o nome *graffie* havia sido construído ao longo dos anos devido à continuada migração populacional da região nordeste para a região litorânea de Camarões. A região costeira possui um complexo de *plantations*, assim como indústrias, que atuaram como um centro de atração para a população da área (Rudin 1938: 248; Fanso 1989). Na área de Bamenda não existem indústrias significativas de nenhum tipo e por isso a ecologia não pode aproveitar sua crescente e empreendedora população. Assim, as vidas das pessoas são caracterizadas por constante mobilidade.

Dois conceitos marcam as discussões neste artigo. Estes são identidade e migração. Identidade é um conceito complexo, que parece ter ganho proeminência apenas no pensamento sociológico moderno. Sociólogos que pesquisavam o conceito nos anos 70 estavam preocupados com o “eu”, ao tentar investigar os caminhos pelos quais as relações interpessoais criavam o “eu” no indivíduo. Cooper (2005), escrevendo sobre identidade, defendia que “todos buscam uma identidade”, acrescentando

que a “identidade é fluida, construída e constada”. Em outras palavras, a identidade não é limitada ou rígida, mas sim criada de acordo com o tempo, contexto e circunstância. Os autores também argumentam em favor “não de uma palavra mais precisa para substituir identidade, mas sim pelo uso de uma variedade de ferramentas conceituais adequadas ao entendimento de um conjunto de práticas e processos” (Cooper 2005). De acordo com Cerulo (1997), “muitos trabalhos têm tendido a reorientar o que se obteve nos anos 70 ao mudar o foco das identidades individuais para as coletivas”. Embora concordando com Cerulo e outros que pertencem a essa escola de pensamento, este artigo escrutiniza as práticas e processos que criam identidades entre os nativos das Planícies Bamenda enquanto eles estão fora de sua região de origem, especialmente no sudoeste litorâneo de Camarões. Aquilo que eles preservaram e que os fez o que são, ou que eles pensavam ser, e como eles se misturam com o que os locais também possuem no curso de sua migração é crucial neste ensaio.

Não faltam trabalhos que tratam de migrações laborais. Em termos gerais, os limites traçados pelos pesquisadores podem ser categorizados em três partes principais. Primeiro, estes acadêmicos demonstraram que migrações não são um fenômeno novo para a África e já se apresentaram como rurais-rurais, rurais-urbanas, urbanas-rurais. Segundo, a África é um continente com uma quantidade considerável de migrações e os movimentos das populações são ditados por fatores políticos, sociais, econômicos e religiosos. Terceiro, desde a imposição do domínio colonial na África, a maior parte das migrações foram ditadas por trabalho. (Amin 1974; Adepoju 1977, 1998, 2010; Harris 1994; Davidson 1954; Van Onselen 1976).

No seguimento deste artigo, esboçarei a história da migração dos grupos étnicos da região durante o período colonial e pós-colonial, prestando atenção às ondas migratórias e aos fatores que explicam por que as pessoas migraram para vários lugares. O artigo irá aprofundar a análise da relação migrantes-locais, especialmente no litoral de Camarões, e como os nativos das Planícies Bamenda tentaram se agarrar à sua identidade enquanto fora da sua área de origem no caldeirão multicultural da região. O artigo encerra com uma conclusão e uma bibliografia.

Metodologia

De acordo com Thomas (2002: 272), “a importância e significado da metodologia reside no fato de que a questão de que o que é estudado está intimamente conectado com a questão de como isto é estudado”. Na escrita deste artigo, me baseei e expandi em meu artigo anterior (Nkwi 2014)

em que esbocei e analisei a migração dos nativos das Planícies Bamenda para a Europa, América e Ásia, demonstrando como eles têm construído um lar distante nestes lugares diásporos. Também me baseei em outros acadêmicos e em meu artigo sobre identidade, que se baseia na identidade mutável do futebol camaronês (Nkwi 2014). Marcadamente, eu incrementei ao meu argumento anterior o fator *graffie* nas ondas migratórias e no estabelecimento dos nativos das Planícies Bamenda na região sudoeste de Camarões.

Os arquivos nacionais localizados em Buea, região sudoeste de Camarões, foram úteis. Daquele arquivo, eu obtive relatórios da Liga das Nações, assim como informes do Conselho de Tutela das Nações Unidas e de missões visitantes. Eles demonstram estatisticamente como os migrantes da região de Bamenda têm se estabelecido na região de *plantations* da área litorânea ao longo dos anos, especialmente durante os períodos do Mandato e da Tutela.

Minha observação pessoal durante o auge da liberalização política também foi relevante. Moro na região litorânea de *plantations* no sudoeste de Camarões desde 1993, quando fui admitido à Universidade de Buea para estudar história no nível de graduação. Depois disso, fui aceito para o programa de mestrado, o qual completei em tempo recorde, e fui então recrutado para lecionar no mesmo Departamento. Minha formação e o passar dos anos viriam a moldar e afiar meus pensamentos. Durante este longo e ininterrupto período eu observei que os nativos das Planícies se agarravam fortemente à sua identidade, formando associações culturais e interessadamente casando com pessoas de outros grupos nativos. Eles também promoviam encontros culturais anuais, imprimiam almanaques e utilizavam seus trajes tradicionais. Alguns abriram cervejarias e nomearam as marcas com termos étnicos. Por exemplo, a *Afo-a-Kom, embassy; Moghamo drinking spot; Aghem Inn*. Tudo isto denota um esforço para conservar a sua identidade.

Localizando as Planícies Bamenda na Geopolítica Camaronense

O termo Planícies Bamenda remonta ao período da colonização alemã (1884-1916). É utilizado para denotar parte do interior caracterizado por grandes altitudes e natureza gramínea. Exceto pelas galerias de florestas, a área é cheia de belas paisagens gramadas. A população indígena à área imigrou de várias direções e em termos gerais podem ser categorizados em cinco grupos maiores: Tikar, Widikum, Chamba, Tiv e Mbembe. A tabela 1

abaixo expõe os cinco grupos maiores da região.

Tabela 1: Diferentes grupos étnicos das Planícies Bamenda

Grupo Étnico	População
Tikar	Kom, Nso, Oku, Mbiame, Wiya, Tang, War, Bum, Bafut, Mbaw, Fungom, Mmen, Bamunka, Babungo, Bamessi, Bamessing, Bambalang, Bamali, Bafani, Baba, Bangola, Big Babanki, Babanki-Tungo
Widekum	Esimbi, Beba-Befang, Mankon, Ngemba, Ngie, Ngwo, Mogamo, Meta
Chamba	Bali-Nyonga, Bali-Kumbat, Bali-Gangsin, Bali-Gashu, Bali Gham
Tiv	Federação Aghem
Mbembe	Mbembe, Misaje, Mfumte

FONTE: Paul Nchoji Nkwi (1987), *Traditional Diplomacy: A Study of Inter-Chiefdom Relations in the Western Grassfields, North West Province of Cameroon* (Yaounde, Camarões: Departamento de Sociologia, Universidade de Yaounde), 15.

A partir da tabela acima, pode ser percebido que, dos cinco maiores grupos da região, os Tikar são os mais populosos, em termos de subgrupos étnicos, enquanto os Widekum e Chamba vêm em segundo lugar. Os menos variados são os Tiv e Mbembe. Estes grupos étnicos coletivamente constituem as Planícies Bamenda. As vidas das pessoas desta região são marcadas pela migração. No período pré-colonial a maioria deles migrava para o norte da Nigéria, onde eles faziam comércio com a noz-de-cola e em troca adquiriam especiarias e roupas. Excepcionalmente, eles também se aventuravam no Golfo de Biafra, onde vendiam gado e compravam armas dinamarquesas e óleo de dendê. Durante o período colonial eles migraram para o litoral camaronês, onde havia um complexo de *plantations*. O período pós-colonial viu novos destinos migratórios na Europa e América.

Muito foi pesquisado e escrito sobre as Planícies Bamenda, mas a partir das perspectivas de antropólogos, sociólogos e, em uma extensão muito menor, historiadores (Chliver 1961, 1963, 1966, 1967 and 1981; Chilver and Kaberry 1967 and 1970; Kopytoff 1973 & 1972; Nkwi 1976; Nkwi and Warnier 1982; Kopytoff 1972 & 1973; Rowlands 1978; Pelican 2006). Estas leituras são excelentes, por se apresentarem coloridas pelas experiências dos autores e, apesar de muitos deles terem implicitamente abordado migrações, eles não se referiram explicitamente à questão de migrações e identidade dos migrantes em um meio social complexo, uma

lacuna que este artigo se propõe a preencher. Sua migração geográfica durante as migrações coloniais voltou-se principalmente para o sul.

Movimentos em Direção ao Sul

Em geral, migrações em direção ao sul, do interior da África Subsaariana para regiões litorâneas, vêm acontecendo há muito tempo. Cidades e vilarejos costeiros tornaram-se atrativos para a população jovem durante o período colonial e posteriormente por alguns motivos. Um dos quais é que estas cidades se tornaram cidadelas da administração colonial, e diversas pessoas migraram para nelas se empregar como escriturários, mensageiros, cozinheiros, motoristas, prostitutas, mão de obra para trabalhar nas estradas e enfermeiras.

O caso de Camarões não constituiu uma exceção. A criação do complexo de *plantations* nos arredores do Monte Camarões com seu rico solo vulcânico iniciou-se por volta dos anos 1880, logo que os alemães descobriram as terras férteis. A área tornou-se foco de *plantations* de diversos tipos. Realizava-se o cultivo de palmeiras, bananas, pimenta, cacau e borracha. Essa produção atraía mão de obra do interior camaronês e de outras localidades. Havia camaroneses da região francesa, togoleses, nigerianos, ganianos, serra-leonenses, liberianos (Konings 1998 e 2001; Rudin 1938).

Além disso, as políticas coloniais que se voltavam para o desenvolvimento da infraestruturas também atraíam migrantes. A política de construir estradas que deviam conectar o interior ao litoral atraiu muitas pessoas. Tanto os serviços escriturários quanto os auxiliares, como cozinheiros, jardineiros, criados e motoristas, adicionaram ainda mais atrativos. Como resultado, entre as décadas de 1930 e 1960, a costa sudoeste de Camarões tornou-se um caldeirão de muitas culturas imigradas. Significativamente, as *plantations* foram as responsáveis por recrutar a imensa maioria da mão de obra na região. Dentre os migrantes que buscavam trabalho, os nativos das Planícies Bamenda pareciam superar em quantidade a maioria dos demais. A tabela 2, abaixo, mostra o volume de migrantes que chegaram nas ondas entre as guerras. Essencialmente, a tabela mostra a população migrante proveniente das quatro principais divisões da Província de Camarões entre 1926 e 1938 e como os números cresceram ou decresceram ao longo dos anos.

Tabela 2: Mão de obra nas *plantations* categorizada por sua origem, 1926-1938

Ano	Victoria	Kumba	Mamfe	Bamenda	Camarões Francês	Outros	Total
1926	780	2214	1063	1698	6330	63	12128
1927	732	3230	1687	1965	5342	17	12953
1928	434	3798	1441	3577	4925	233	14408
1929	804	2887	1495	3183	4214	287	12866
1930	305	2045	918	2064	3395	233	9040
1931	267	1688	914	1905	2855	592	8319
1932	308	1984	704	2264	4172	992	10994
1933	361	1784	870	2413	4434	281	10123
1934	446	2097	1162	3271	4913	538	12417
1935	689	2854	1650	4832	5251	415	15691
1936	775	3292	2148	6066	5179	661	18120
1937	1078	3153	2653	6322	4992	774	19590
1938	1097	3253	3771	7800	4805	2509	25119

FONTE: Estes números foram obtidos dos Relatórios Anuais da Liga das Nações, encontrados nos Arquivos Nacionais de Buea, Buea, Camarões, referentes aos anos de 1926 a 1938.

Da tabela acima, diversas observações podem ser deduzidas. Primeiramente, dentre as regiões da Província de Camarões, Bamenda forneceu um número significativo de trabalhadores para as *plantations*. Isto pode ser compreendido a partir do fato de que a divisão era a maior em termos de área geográfica e também a mais populosa. Em contraste, a região de Victoria, a menor no quesito de área geográfica, foi a responsável por fornecer o menor volume populacional. Outro motivo por trás deste dado, proposto por pesquisadores, é que a terra na qual as *plantations* se estabeleceram foi expropriada dos nativos de Victoria com muito pouca ou nenhuma compensação (Rudin 1938). Desapontados, eles se recusavam a trabalhar nas mesmas. Outro fator pode ser de que a população não representava um contingente tão significativo quanto o de Kumba, que quase competia com Bamenda em questão de números.

A tabela também mostra a natureza multiétnica do espaço de trabalho migrante no qual os nativos de Bamenda se encontravam. De 1938 a 1947, estatísticas referentes aos imigrantes trabalhadores não foram

localizadas. Tal questão é de difícil compreensão, porém pode-se especular que o cenário internacional, tenso ao final dos anos 1930 na escalada à Segunda Guerra Mundial em 1939, interferiu em muitos serviços. Um dos quais foi a derrocada da Liga das Nações em 1939. Apenas em 1945 uma nova organização internacional, a Organização das Nações Unidas, viria a ser criada. A Corporação de Desenvolvimento de Camarões (CDC) foi criada em 1946 e, entre 1948 e 1969, a companhia manteve rigorosamente seus registros (Epale 1985). A tabela 3 representa o crescimento do trabalho migrante durante o período de tutela e pós-independência. No influxo de muitas culturas, cada um busca conscientemente manter suas características únicas. Foi nestas circunstâncias que os imigrantes Bamenda tentaram conservar sua identidade, em meio a uma complexa situação.

Tabela 3: Análise Divisional da CDC

Ano	Victoria	Kumba	Mamfe	Bamenda	Camarões Francês	Outros	Total
1948	1529	3445	2146	4816	2662	3202	17910
1949	1394	2665	2377	5745	2321	4538	19456
1950	1291	2531	2301	6166	2426	4074	19005
1952	1846	3856	3169	8941	2115	5508	25569
1953	1028	2825	3073	8193	1958	7085	24970
1954	820	2362	2930	8762	1582	7248	25030
1955	658	2426	2806	7965	1369	6070	21664
1956	573	1708	2323	6605	1005	5242	17793
1957	524	1754	2251	6416	895	5498	17472
1958	584	1685	2426	6944	861	6012	18501
1959	588	1534	2341	6140	802	4944	16285
1960	581	1537	2588	7246	808	4705	17468
1961	588	1602	2664	7167	835	4238	17094
1962	561	1585	2449	6936	732	3187	15430
1963	548	1628	2280	6454	672	816	12378
1964	565	1900	2268	6461	764	738	12716
1965	589	1809	2414	6669	676	614	12651
1966	556	1678	2248	6004	623	450	11559
1967	611	1719	2305	6009	622	422	11688
1968	716	1976	2350	6516	690	316	12564

Ano	Victoria	Kumba	Mamfe	Bamenda	Camarões Francês	Outros	Total
1969	950	2312	2933	7487	753	310	14745

FONTE: Relatórios Anuais da CDC.

A Relação entre os Migrantes e os Locais e a Criação de Identidade

A superioridade numérica dos migrantes nativos das Planícies Bamenda determinou sua relação com os locais, particularmente na região das *plantations*. Estas, em particular, atraíram muitos migrantes da região de Bamenda ao longo do tempo e espaço, como demonstrado pelas tabelas 2 e 3 acima. Os migrantes vindos desta região representavam a maioria da população imigrada na região das *plantations*. No princípio, as relações entre os migrantes eram cordiais, entre a minoria do sudoeste e a maioria do noroeste. Acadêmicos com pesquisas referentes ao trabalho nas propriedades estabeleceram o consenso de que não havia problemas (Ardenner et.al. 1960; Delancey 1973; Konings 1996, 1998 e 2001). De acordo com estes autores, os dois grupos exerciam um alto nível de cordialidade em relações interétnicas encapsuladas na filiação a igrejas e sindicatos. Havia também coordenação para combater qualquer forma de exploração do trabalho como a greve dos trabalhadores da CDC nos anos 1940 (Konings 2001). A política governamental e religiosa de promover um Estado multiétnico auxiliou na solidificação das relações entre os migrantes nativos das Planícies Bamenda e os locais. Sua linguagem, que era o inglês pidgin, uma língua franca de origem crioula, colaborou para manter os dois grupos unidos. Esta parceria não possuía data marcada para acabar.

Os efeitos do aumento contínuo de migrantes Bamenda nas *plantations* do sudoeste logo se tornaram dramáticos e amargos. Crucial para a piora das relações foi a etnicidade e as políticas de identidade e pertencimento adotadas pelo governo de Camarões durante os anos 1990 (Nkwi 2006). Apesar de inicialmente os migrantes Bamenda que rumaram para as *plantations* trabalharem e retornarem para suas áreas de origem, no longo prazo muitos escolheram se aposentar e permanecer nas áreas litorâneas. Motivos para tais escolhas podem ser encontrados no fato de eles priorizarem as terras férteis e a modernidade em detrimento de suas “aldeias atrasadas”. Isso levou muitos trabalhadores a encontrarem acomodações em cidades e vilarejos próximos das *plantations*. À população migrante Bamenda logo se juntavam amigos e parentes, principalmente

devido às terras férteis que lhes eram cedidas para cultivo pelos locais. Isto logo inflou a população de migrantes Bamenda. As terras, inicialmente compradas a preços promocionais, logo passaram a ser comercializadas, e a população imigrante, em sua maioria Bamenda, tornou-se agressiva na obtenção de propriedades.

O efeito resultante de tudo isso foi óbvio. A população local passou a invejar os migrantes Bamenda. Isto se devia à natureza empreendedora dos migrantes de Bamenda e também por esta população não respeitar as autoridades e leis dos locais. Eles também eram invejados por sua contínua sedução das mulheres locais e sua indisposição de realizar investimentos significativos na comunidade local. A percepção geral dos migrantes Bamenda era de que estes estavam interessados apenas na exploração e dominação da população local, ao mesmo tempo que se mantinham leais apenas ao seu próprio grupo étnico, evidenciado em última instância pelo seu frequente desejo ou de retornarem para casa ao fim de sua vida profissional, ou de serem enterrados na terra de seus ancestrais, ou de formarem associações étnicas nas quais praticavam sua cultura.

Nos anos 1990, seguindo-se ao processo de redemocratização, o governo de Camarões decidiu explorar esse antagonismo de acordo com sua política de dividir para governar. Instaurou-se uma nova constituição, uma antítese daquela de 1972, que garantia proteção a todos os cidadãos do país para se estabelecerem livremente aonde quer que quisessem. Ao invés disso, a constituição de 1996 prometia proteção estatal para todas as minorias, em um momento em que as eleições se aproximavam. O mais marcante não era a promessa de proteção de minorias, mas sim o fato de que ela estendia o significado tradicional de minorias a proporções exageradas, além do que se imaginava. Fazia ainda parecer que as minorias só poderiam vir a sobreviver através da proteção do Estado. Os sul-ocidentais fizeram exatamente isso contra a maioria migrante Bamenda e se voltaram para o governo e seu partido contra a oposição. Obviamente, a nova constituição havia aumentado as proteções dos locais e jogaram gasolina na já existente fogueira de tensões entre a minoria sudoeste e os imigrantes Bamenda. Mesmo assim, a população de imigrantes era avassaladora o suficiente para virar os resultados das eleições a favor da oposição, com sua base eleitoral em Bamenda.

Assim, durante as eleições municipais de 26 de janeiro de 1996, as elites partidárias pró-governistas do sudoeste perderam para o SDF, o principal partido de oposição, que tinha Bamenda como base, que ganhou a maioria dos distritos eleitorais urbanos chave da região. O impacto da imigração Bamenda, ao alcançar o poder político, havia completado seu ciclo. Questionado em uma entrevista de rádio sobre o que havia acontecido,

a mais alta autoridade civil da região, Sua Excelência, Governador Oben Peter Ashu, respondeu que a causa era a população imigrante da região noroeste de Camarões. Imediatamente, os migrantes Bamenda foram marcados como “vêm-e-não-vão”. Em outras palavras, eles foram iguados à sarna, uma teimosa doença de pele que dura muito tempo. A insinuação pelo governador de que a oposição ganhou muitos distritos por causa da população migrante permanece em debate. O que é certo é que o peso demográfico dos migrantes nativos das Planícies Bamenda na região era significativo.

Colocado em uma perspectiva apropriada, os migrantes de Bamenda e os camaroneses do sudoeste têm antagonismos históricos mais profundos, que antecedem os anos 1990. Na década de 1950, foi formada a VIKUMA, significando Victoria, Kumba e Mamfe, as três regiões de Camarões sob administração colonial britânica (Nkwi 2006). Isso ocorreu para se opor contra o Partido Democrático Nacional de Kamerun (KNPD), baseado na região das Planícies Bamenda e que era acusado de vitimar pessoas da região das florestas. Estes eram obra das elites políticas tradicionais nessas divisões. Nos anos 1990, seu paralelo era a Associação das Elites do Sudoeste (SWELA). Com o início do pluralismo político em 1990, as elites políticas do sudoeste, em uma tentativa de frustrar as ambições e desejos daqueles que se opunham ao *status quo ante*, formaram a SWELA, em 1991, que eles descreviam como apolítica (Nkwi 2006). Apesar disso, seus objetivos secretos sugerem que ela representava uma associação política formada para resistir à população de nativos das Planícies Bamenda que estava crescendo na região sudoeste. No meio de todas estas associações, os *graffie* resistiram, optando por permanecer e se agarrar à sua identidade. A próxima seção foca em como os homens e mulheres *graffie* vinham criando e lidando com sua identidade no meio dos multifacetados grupos étnicos no quadrante litoral de Camarões.

A Criação e Administração da Identidade

No meio de múltiplas culturas, os nativos das Planícies se propuseram a manter sua identidade. Um dos caminhos que levaram os imigrantes a um sentimento de pertencimento foram as associações étnicas e culturais. Acadêmicos pesquisaram a formação de associações tribais e culturais (Little 1972; Geschiere & Gugler 1998:309-319; Gugler 2002). Abaixo está o perfil de um grupo nativo, Kom, um grupo majoritário nas Planícies Bamenda cuja formação, experiência e *modus operandi* é representativo de um dos principais argumentos deste artigo.

Kom é o segundo maior grupo étnico das Planícies Bamenda (Fanso

1989), cuja população vinha migrando para as *plantations*. Em 1966, os migrantes Kom formaram uma associação étnica conhecida como União Kom. Sua base era em Buea. A associação à entidade era aberta para servidores públicos e trabalhadores migrantes da etnia Kom residentes não apenas em Buea, mas também em Kumba, Victoria, Tiko, Mutengene, todas áreas costeiras que atraíam migrantes das Planícies Bamenda. Um significativo e relevante fato no que concerne a associação é o fato de que a população Kom havia começado a praticar sua cultura através de músicas e danças, das quais a mais popular era *njang*. *Njang* é uma música folclórica tradicional. Na maior parte do tempo a música e letras se referiam a importantes eventos históricos. Aqueles que dançavam e cantavam *njang* eram homens e mulheres, meninas e meninos. Instrumentos tradicionais como gongos metálicos e um pequeno tambor eram usados durante a coreografia (Nkwi 2010). O local de encontro, no pavilhão do Kom mais ancião, era conhecido como palácio Kom. E o local era um ponto de encontro para todos os Kom que se encontravam em Mamfe, Kumba, Buea e Victoria.

A identidade era o aspecto mais relevante que marcava essas associações e as reuniões mensais que eram realizadas. Contribuições mensais e taxas de condolências eram compulsórias. Acima de tudo, havia uma constituição, cujas normas eram escrupulosamente seguidas pelos membros. Assim como Schipper (1999: 2) observou que “através dos séculos, os seres humanos criaram binários, estabelecendo imagens deles mesmo como opostos de outros, e incorporaram estas imagens em histórias, músicas, e outras formas de expressão”. O povo Kom também bebia óleo-de-dendê (um líquido parecido com leite, extraído de uma palmeira) e comia suas refeições tradicionais, que consistiam de milho fufu e galinha assada (*abain ni gwei e katign e*). Nessas reuniões, os Kom socializavam como costumavam em suas aldeias. Ao fazê-lo, eles incluíam e excluía outros que não pertenciam ao seu grupo. A questão aqui é que a população Kom estavam se identificando através de sua cultura, apesar de fora de Kom, e ao mesmo tempo estavam construindo um lar fora do lar ao longo de sua mobilidade geográfica.

Aonde quer que os nativos das Planícies Bamenda se encontrassem, seja no litoral ou em outra localidade em geral em Camarões, eles permaneciam leais à sua identidade. Domar e domesticar esses lugares e espaços, como as *plantations* e o litoral, representava a criação de novos lares, vistos e entendidos como uma forma de lidar com a vida e a cultura fora de suas áreas de origem. O lugar final era um lar, onde eles poderiam eventualmente preferir terminar suas vidas. Assim eles podem ser vistos como “essencialistas”, na falta de uma palavra melhor, pelo seu vestuário. Mas em outros aspectos eles se transformam conforme passam a consumir

novos produtos nos diversos locais. A necessidade de “Komificar”, no caso dos Kom, ou de “Nsoificar”, no caso dos Nso, ou de “Wehificar”, no caso dos Weh, ou de “Isuificar”, no caso dos Isu, em lugares distantes sugere a noção de “virtual” e “real”, uma situação que poderia ser bastante ambígua.

Os reais Kom, ou Nso, ou Aghem, ou Weh, eram aqueles que haviam delineado geograficamente as fronteiras. Os grupos étnicos formavam associações tribais e/ou culturais que lembravam àquelas encontradas em suas áreas de origem. Isso não era novidade na história de tais associações na África. Mas o que era importante e relevante no que concernia a suas associações era que elas criavam o sentimento de pertencer a um lar e, portanto, através de tais associações, criavam um lar fora do lar. Além disso, tais associações também existiam para lembrar aqueles que não haviam migrado que seus amigos e parentes que se deslocaram não deveriam ser esquecidos. De fato, essas associações participavam de projetos de desenvolvimento na região de origem das etnias. Quando a permanência dos migrantes acabava, eles poderiam ser recebidos de volta na sua região como heróis e heroínas, pois eles ao menos haviam participado na manutenção do progresso de sua sociedade durante sua ausência. Alguns trabalhos excelentes foram realizados em outras regiões da África, no que pode ser de forma geral agregado como uma “conexão rural-urbana” (Gugler 1961).

Tais associações existiam nas mentes dos migrantes, que pertenciam a redes de pertencimento e solidariedade. Toda questão está longe de ser simples. Enquanto estudante na Holanda eu participei de diversas reuniões dos nativos das Planícies Bamenda. O povo Kom sempre buscava confirmar sua “Kom-nice”. Muitos mal podiam falar na língua Kom. Alguns eram casados com esposas europeias. Isso nos levou a criticamente abordar a questão da identidade Kom, não sob um aspecto geográfico, mas sob um aspecto que identificasse o povo Kom como Kom. A essência da identidade Kom não reside apenas na língua ou cultura Kom *per se*, mas mais no desejo por pertencimento. Esses são indicadores de que, ao longo dos anos, o movimento da população para dentro e fora das Planícies Bamenda e seus encontros adicionaram uma nova dimensão à sua identidade. Como Nyamnjuh (2014) argumentou se referindo à identidade cultural “...identidade poderia ser imaginada e real ... de forma que é um convite a contemplar um modo desterritorializado de pertencimento, onde as relações importam mais do que o local de nascimento em que alguém se sente ou não em casa”. Pelican adiciona ainda que

[...] identidades pré e pós-coloniais em Camarões e ao longo da África são experiências complexas, negociadas e relacionais, que exigem uma articulação mais nuançada do que essencialista de identidade e pertencimento. Com os Tikar... assim como com qualquer grupo em

Camarões e na África, ser autêntico é uma função de como a raça, local, cultura, classe e gênero definem e prescrevem, incluem e excluem. Essas hierarquias sociais assumem diferentes formas, dependendo dos encontros, relações de poder e noções prevalentes de personalidade, agência e comunidade (Nyamnjoh 2014 & Pelican 2006).

Pode ser argumentado, assim, que a maior parte da identidade dos migrantes das Planícies Bamenda começou a se deslocar do ponto essencialista que os manteve congelados em termos geográficos. Sua contínua criação de identidade nas *plantations* litorâneas também levanta o argumento primordial que, de acordo com Appadurai (2006), sustenta que:

Todos os sentimentos de grupo que envolvem um forte sentido de identidade de grupo, de 'nós', buscam neles apegos que unem coletividades pequenas, íntimas, normalmente aquelas baseadas no parentesco e suas extensões. Ideias de identidade coletiva baseada em reivindicações de sangue, solo ou língua trazem sua força afetiva que une pequenos grupos.

Appadurai está aqui se referindo à tese de que as populações com um forte senso de união derivam sua inspiração do parentesco, linguagem, e origem geográfica.

Conclusão

Migração ao redor do mundo não é um fenômeno novo. Ele está presente ao longo de toda história humanidade. Muitos fatores já foram responsáveis por movimentos populacionais de uma região para outra. Nas sociedades africanas pré-coloniais, as pessoas migravam em busca de comida, comércio por trocas e às vezes devido a desastres naturais. As migrações coloniais passaram a ser mais frequentemente ditadas por políticas coloniais, que, dentre outras, incluíam a abertura de *plantations* e mineração de diamantes, bauxita, manganês e ouro. A administração colonial também impunha impostos que os africanos eram condenados a pagar de forma a manter o aparato colonial funcionando. Acesso à educação e a abertura de novos serviços públicos também se combinavam individual e coletivamente para causar a migração de povos em diferentes direções. A migração de mão de obra, assim, tornou-se uma das dinâmicas que marcavam os movimentos populacionais durante o período colonial. Em tempos pós-coloniais, tendências migratórias que surgiram a partir do domínio colonial continuaram, apesar de algumas alterações.

Em Camarões, a abertura do complexo de *plantations* no quadrante litorâneo atraiu a migração de mão de obra das Planícies Bamenda. Essa região, que se tornou uma área exportadora de mão de obra, viu suas pessoas

se dirigirem ao sul rumo às *plantations* em grandes números. Assim como suas contrapartes de outras regiões de Camarões, os nativos das Planícies se propuseram a construir sua identidade em meio a muitas outras culturas. Eles se agarraram às características culturais principais de seus lares e assim construíram lares fora do lar. Este artigo concluiu que, apesar dos muitos povos e suas respectivas culturas no sudoeste costeiro de Camarões, os nativos das Planícies Bamenda mantiveram sua identidade. Ele também defende que o conceito *graffie*, que se tornou bastante popular nos anos 1990 para pejorativamente se referir aos homens Bamenda, e de forma ambígua a qualquer povo empreendedor e viril, possuía raízes históricas mais profundas, que não haviam sido exploradas na história migratória do fenômeno. Conforme o mundo se torna mais e mais interconectado com a mobilidade acelerada de seres humanos, ideias e culturas, a implicação é que identidades únicas passam a estar ameaçadas e correm o risco de ser erradicadas. Como o artigo amplamente demonstrou, apesar de os nativos das Planícies Bamenda casarem com locais e outros povos, dificilmente se pode falar de uma identidade confinada e congelada. Assim, será apropriado avaliar a identidade como Cooper, compreendida como um fenômeno construído que é fluido e contestado. Em uma nota final, o artigo apenas principiou o estudo da construção de identidade dos nativos das Planícies Bamenda na região litorânea. O estudo de outros migrantes em busca de trabalho de outras partes de Camarões pode revelar alguns paralelos e similaridades. Qualquer seja o caso, seja construída ou fluida, a identidade é um fenômeno tão forte que não pode ser ignorado quando se escreve a história da migração de qualquer região do mundo.

REFERÊNCIAS

- Adepoju, Aderanti. 2010. *International migration within, to and from Africa in a Globalized World*. Lagos: Sub-Saharan Pub and Traders.
- _____. 1977. "Migration and development in tropical Africa: Some research priorities". *African Affairs*, Vol. 76, No. 303: 210-225
- _____. 1998. "Linkages between internal and international migration: *The African International Social Science Journal*, Vol. 50, No. 157: 387-395.
- _____. 2010. *International migration within, to and from Africa in a globalized world*. Lagos: University of Lagos Press
- _____. 1977. "Migration and Development in Tropical Africa: Some Research Priorities". *African Affairs*, Vol.76, No.303:210-225.
- _____. 2008. *Migration in sub-Saharan Africa*. Uppsala: Nordickinstitute.

- Amin, Samir. 1974. *Modern Migrations in Western Africa*. London: Oxford University Press.
- Appadurai, Arjun. 1996. *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minnesota: University of Minnesota Press.
- Ardener, Edward; Ardener, Shirley & Warmington, W.A. 1960. with a contribution by M.J Ruel, *Plantation and village in the Cameroons: Some economic and social studies*. Oxford: Oxford University Press
- Ardener, Edwin. 1996. "The plantations and the people of Victoria". In: Shirley Ardener, ed., *Kingdom in Mount Cameroon: Studies in the history of the Cameroon coast, 1500-1970*.(Oxford: Oxford University Press, pp. 243-266;
- Awasum, Nicodemus. 1998. "The Development of Autonomist Tendencies in Anglophone Cameroon" pp. 163-183. *Journal of Third World Studies*. Vol. Xv, No. 1: 163-183
- Bakewell, Oliver e de Haas, Hein. 2007. "African Migrations: continuities, discontinuities and recent transformations". In Patrick Chabal, Ulf Engel and Leo de Haan (eds.) *African Alternatives*. Leiden: Brill: 95-118.
- Black, Richard; King, Russel e Tiemoko, Richmond. 2003. "Migration, return and small enterprise development in Ghana: a route out of poverty" *Sussex Migration Working Paper no.9*: Centre for Migration Research, pp. 1-21
- Cerulo, Karen A. 1997. "Identity Construction: New Issues, New Directions" *Annual Review of Sociology*, Vol.23: 385-409.
- Chilver, Elizabeth M. 1963. "Native administration in West Central Cameroons, 1902-1954" In: K. Robinson & F. Madden, eds. *Essays in imperial government*. (Oxford: Oxford University Press, pp. 100-108;
- _____. 1966. *Zintgraff's exploration in Bamenda, Adamawa and the Benue lands, 1889-1892* (Buea: Government Printing Press.
- _____. 1970. "Chronology of the Bamenda Grassfields" *The Journal of African History*, Vol. II, No. 2: 249-257;
- _____. 1967. "The kingdom of Kom in West Cameroon". In: Daryll Forde & P.M.Kaberry, eds. *West African kingdoms in the Nineteenth Century*. (Oxford: Oxford University Press, pp.123-145.
- _____. 1961. "Nineteenth century trade in the Bamenda Grassfields". *Afrika und Uerbersee*, xiv, 4: 233-258;
- _____. 1971. "Chronological synthesis: The western region, comprising the western grassfields, Bamum, the Bamileke chiefdoms and the central Mbam". In: Claude. Tardits, ed., *The contribution of ethnolog-*

- ical research to the history of Cameroon cultures. Paris: Karthala, pp. 453-475.
- Chilver, Elizabeth M e Kaberry, Phyllis M.. 1970. *Traditional Bamenda: The pre-colonial history and ethnography of the Bamenda Grassfields*. Buea: Government Printing Press.
- Cooper, Frederick. 2005. *Colonialism in Question: Theory, Knowledge, History*. Berkeley/Los Angeles/ London: University of California Press.
- Cordell, Denis D.; Gregory, Joel W. & Piche, Victor. 1996. *Hoe and wage: A social history of a circular migration system in West Africa*. Boulder, CO: Westview Press.
- Davidson, R.B. 1954. *Migrant labour in the gold coast*. Achimota: University of Legon Press
- Delancy, Mark.W. 1973. *Changes in Social Attitudes and Political Knowledge among Migrants to Plantations in West Cameroon*. Indiana: Indiana University.
- Epale, Simon Joseph. 1985. *Plantation and Development in Western Cameroon 1885-1975: A Study in Agrarian Capitalism*. New York: Vantage Press.
- Geschiere, Peter & Nyamnjo, Francis Beng. 2001. "Capitalism and Autochthony: the Seesaw of Mobility and Belonging," pp.177-194. In John L. Comaroff and Durham N.C. (eds) *Millennial Capitalism and the Culture of Neoliberalism*. New York. Duke University Press.
- Geschiere, Peter & Gugler, Josef. 1998. "Introduction: The Urban-Rural Connection, Changing Issues of Belonging and Identification" *Africa: Journal of the International African Institute*, vol.68, no.3: 309-319.
- Gugler, Josef. 1961. "Life in a Dual System: Eastern Nigerians in Town, 1961" *Cahiers D'Etudes Africains*, Vol.xi, No.43: 400-419.
- _____. 2002. "The Son of the Hawk Does Not Remain Abroad: The Rural-Urban Connection in Africa" *African Studies Review*, Vol.45, No.1: 21-41.
- Harris, Patrick. 1994. *Work, culture and identity: Migrant laborers in Mozambique and South Africa, c. 1860-1910: Social History of Africa*. London: Oxford University Press.
- IOM. 2004. *International Organisation for Migration*.
- Konings, Piet. 1996. "Chieftaincy, Labour Control and Capitalist Development in Cameroon." *Journal of Legal Pluralism and Unofficial Law*, No.37-38, 329-346
- _____. 2001. "Mobility and exclusion: Conflicts between autochthons and allochthons during political liberalization in Cameroon". In: M. de Bruijn, R. Van Dijk & D. Foeken, eds. *Mobile Africa: Changing pat-*

- terns of movement in Africa and beyond*. Leiden: Brill, pp.169-194.
- _____. 1988. *Uniliver estates in crisis and the power of organisations in Cameroon*. Hamburg: Lit Verlag
- Konseiga, Adama. 2005. “New Patterns of Migration in West Africa” *Stichproben Wiener Zeitschrift für Kritisches Afrikastudien*, Vol.1, Nr.8, pp.23-46;
- Little, Kenneth. 1972. “Voluntary Associations and Social Mobility Among West African Women” *Canadian Journal of African Studies*, vol.6, No.3:278-88
- Nkwi, Walter Gam. 2010. *Voicing the Voiceless: Towards Filling Gaps in Cameroon History, 1959-2009* Mankon, Bamenda: Langaa Research and Publishing House.
- _____. 2006c. “Elites, Ethno-regional Competition in Cameroon, and the Southwest Elites Association (SWELA), 1991-1997” *African Study Monographs*, Vol.27, No.3:123-143.
- Nkwi, Paul Nchoji. 1982. *Traditional diplomacy: A study of inter-chiefdom relations in Western Grassfields Northwest Province of Cameroon*. Yaoundé: Department of Sociology Press.
- Nyamnjoh, Francis B. 2005. “Images of Nyongong amongst Bamenda Grassfielders in WhitemanKontri”. *Citizenship Studies*, Vol. 9, No. 3: 241-269.
- Rowlands, Michael. 1978. “Local and long-distance trade and incipient state formation in the Bamenda plateau in the late 19th century”. *Paideuma*, No. 25, 1-19.
- Rudin, Harry. 1938. *The Germans in Cameroon: A Case Study in Modern Imperialism*. Yale: Yale University Press
- Schipper, Mineke. 1999. *Imagining Insiders: Africa and the Question of Belonging*. London: CASSELL.
- Thomas, N. 2002. “History and Anthropology” pp.272-295. In Allan Barnard and Jonathan Spencer. Eds. *Encyclopaedia of Social and Cultural Anthropology*. London and New York: Routledge.
- Van Onselen, Charles. 1976. *Chibaro: African mine labour in Southern Rhodesia, 1900-1933*. Johannesburg: University of Wits Press
- Veronika, Bilger & Kraler, Albert (eds.). 2005. “African migrations: Historical perspectives and contemporary dynamics”. *Special Issue: Vienna Journal of African Studies*, Vol. 1, No. 8:1-329.
- Warnier, Jean-Pierre. 2012. *Cameroon Grassfields Civilisation Mankon, Bamenda* : Langaa RPCIG

Whitman, Jim (ed) 2000. *Migrants citizens and the state in Southern Africa*
London: University of Oxford Press.

RESUMO

O presente artigo foca nas dinâmicas de migração interna, tomando o caso dos migrantes naturais das Planícies Bamenda no litoral de Camarões, e destaca como tais migrações deram origem ao enigma identitário entre aqueles que vieram a ser chamados *graffie* e os locais. Questiona como a politização da identidade pode ser compreendida dentro das dinâmicas históricas e políticas de Camarões. O artigo também defende que, no início da colonização britânica, muitos habitantes da região migraram para o complexo industrial do litoral de Camarões como mão de obra para as plantations, além de como auxiliares em outros serviços coloniais. Depois de trabalhar nestes serviços eles se aposentaram e tornaram-se empreendedores, para desgosto dos locais. Eles foram, assim, pejorativamente denominados *graffie*. Usando o conceito de identidade em migração o artigo questiona por que e como os *graffie* lidaram com sua identidade em espaços heterogêneos, como a região sudoeste de Camarões.

PALAVRAS-CHAVE

Migração; Identidade; *graffie*; Camarões.

Recebido em 13 de março de 2017.

Aprovado em 31 de julho de 2017.

Traduzido por Salvatore Gasparini Xerri